

# APROVÍNCIA

Semanário

Informação Cultura Recreio

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA, 18 - TELEF. 026467  
**MONTIJO**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SIMÕES, LDA. - TELEF. 22371 - SETÚBAL

Director (Interino)  
MOTTA PINTO

## Aprendamos da lição

A maneira como o País soube acorrer às urnas e eleger por uma esmagadora maioria Presidente da República o sr. almirante Américo Tomás, foi bem a resposta àqueles que queriam lançar a Nação numa aventura que, a triunfar, breve nos lançaria na revolução senão na guerra civil.

Portugal de norte a sul disse bem claramente querer continuar com Salazar, querer prosseguir na obra há trinta anos encetada.

No entanto, na última eleição presidencial há uma lição em que se deve aprender, e essa é a que encerra a votação conferida ao candidato da Oposição, em quem votou cerca dum quarto do eleitorado.

A propósito deste facto escrevia muito acertadamente o jornal «A Voz», que tão grandes responsabilidades tem na preparação, eclosão e consolidação da Revolução Nacional:

«Nem por não serem tantos como proclamavam as oposições deixava de ser significativos os votos obtidos pelo sr. General Humberto Delgado. Significativos dum descontentamento a que o governo agora tem que pôr termo, indo resolutamente ao encontro das razões de queixa que forem legítimas».

E por sua vez o «Diário da Manhã, com as suas responsabilidades de órgão da União Nacional, não é menos explícito quando, também em editorial, escreve;

«A votação obtida pelos adversários não representa a força duma oposição ideológica, nem uma possibilidade de política séria, em sentido contrário à doutrina do Estado Novo. Significa principalmente descontentamento perante circunstâncias já anteriormente assinaladas e que a propaganda veio apenas acentuar.

E significa a necessidade premente da união de todos os homens capazes de pensamento e acção num esforço mais duro, em ritmo mais vivo na realização dos fins da Revolução, — tanto nos objectivos materiais, que no 2.º Plano de Fomento têm o seu maior expoente, como e antes do mais, no calor da espiritualidade que é a nossa maior força. Tudo se possa fazer, pacientemente, serenamente, sem perigo de se cair

no caos donde o País saiu em 1926. Mas o que há a fazer não é só tarefa do Governo: E' trabalho para todos nós».

Com efeito, a votação conferida ao candidato da opposição foi em grande parte provinda de pessoas que não queriam o regresso à anarquia de antes do 28 de Maio; mas, votando como votaram, quiseram significar o seu descontentamento por muita coisa que não está certa e urge remediar.

Continua na 5.ª página

## Liga Portuguesa de Profilaxia Social A Escola e a Família

O grau de cultura dum povo observa-se sobretudo pelo amor, pela estima, pela dedicação e pelo respeito que ele dedica à Escola. E' que ela é, na verdade, o lar da civilização, a coluna vertebral da Cultura e o sol sem par da Sabedoria.

Inundar o país de escolas atraentes, cheias de luz, ar puro, de conforto e de carinho, é, realmente, sábia medida de economia nacional. E' que, quanto mais se

Continua na 6.ª página

## O prestígio Montijense e as FESTAS DE S. PEDRO

Terminaram as Festas de S. Pedro e toda a população montijense regressou afanosamente às suas ocupações quotidianas.

Ainda mal se extinguíram os ecos das festividades.

Contudo, já podemos tirar ilacções de quanto se passou, até talvez com a vantagem de termos mais presentes os factos que observámos, por essa proximidade.

Como sempre, tudo decorreu normalmente, sem a menor nota discordante, dentro daquela ordem e daquela disciplina que são apanágio deste bom povo ribatejano.

Não obstante as multidões que nos visitaram, não houve acontecimento desagradável que empanasse o brilhantismo de todos os números do programa.

Tudo decorreu, portanto, como era nosso desejo e de quantos amam esta terra ribeira e laboriosa.

E agora que mal se extinguíram os ecos das festividades, é legítimo que concluamos as nossas considerações acerca dos resultados práticos.

Montijo, tal como vem acontecendo desde o primeiro ano das suas festas,

vem subindo sempre no conceito dos que a elas assistem, e o seu prestígio cresce, de o seu prestígio, como é fácil de observar pelos comentários e referências.

Cada pessoa que vem até nós por esta altura leva as melhores impressões e certifica-se do indiscutível progresso que se apoderou, para não mais se afastar, de todos os sectores locais.

Quem não conhecia a vila e a julgava superficialmente, ficou formando o seu juízo justo e merecido. Quem já a conhecia, exterioriza a sua admiração pelas transformações operadas.

Duma ou doutra forma, tudo prestigiante para a localidade e para os que a têm elevado a este prisma de desenvolvimento geral.

A prova mais flagrante destas afirmativas está no número de excursões que este ano vieram de todas as partes de Portugal, principalmente no dia de S. Pedro, assistir às festas e contemplar a forma ordeira como tudo se realizou.

Isto significa que a fama, proveniente desse prestígio,

Continua na 5.ª página

## Uma Biblioteca DE ALDEIA

Fui há tempos a uma velha aldeia dos arredores de Lisboa, que noutros tempos frequentei e há anos não visitava. E vi nela uma coisa que me amsombrou pela novidade e, ao mesmo tempo, me deu muito prazer.

No local onde outrora fôra uma taverna, que bom negócio fazia com o embrutecimento dos seus frequentadores, existia agora uma biblioteca pública.

E verifiquei que era pequena a biblioteca, mas que, mesmo assim pequena como é, presta óptimos serviços à laboriosa e honesta população da tal aldeia.

Era assim, a meu ver, que deveria proceder-se por esse País fora, onde as populações misturam a sua pobreza de cabedais com a miséria da falta de cultura e de educação cívica.

Com efeito, uma biblioteca bem orientada, embora modesta, desbrava cérebros, cultiva o espírito, educa o carácter, traz saúde ao corpo e à alma. E' um verdadeiro templo.

Não é necessário, é claro, que uma biblioteca, para ser boa, seja constituída por livros luxuosamente encadernados que, as mais das vezes, não passam de vistosas encadernações. Basta que os seus livros sejam escolhidos por quem seja amigo do povo e se ocupe dele com honestidade e lisura; que

por AMARAL FRAZÃO

pretenda apenas ensinar esse povo a ser gente, a libertar-se da escravidão, a sair das trevas para a luz; que o afaste dos atalhos e o traga para a estrada direita da vida. Que crie, enfim, cida-

Continua na 5.ª página

## Portugal Pitoresco

### ÉVORA

#### A CATEDRAL

Na terra mais genuinamente portuguesa, fica bem a magnificência deste precioso templo.

Curioso, artístico, e pitoresco, — pelo que se enquadra maravilhosamente neste patriótico album.



Sr. Virgínia da Silva  
MONTIJO  
RIO

## VIDA PROFISSIONAL

### Médicos

**Dr. Avelino Rocha Barbosa**

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes,  
às 9 horas, todos os dias, excepto  
às sextas feiras.

**Dr. Fausto Nelva**

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.  
Telef. 026 256 — MONTIJO

**Dr.ª Isabel Gomes Pires**

Ex-Extagiária do Instituto  
Português de Oncologia  
Doenças das Senhoras

Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras

R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo  
Todos os dias

Rua Moraes Soares, 116-1.º

LISBOA Telef. 4 8649

**Dr. Santos Marcelo**

**Doenças nervosas e mentais**

Consultas e tratamentos — pri-  
meiros e terceiros sábados de cada  
mês, pelas 12 horas, no consultório  
do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da  
Trindade — R. Bulhão Pato, 42 —  
Telefone 026 131—MONTIJO.

### Médicos Veterinários

**Dr. Cristiano da Silva Mendonça**

Av. Luís de Camões — MONTIJO  
Telef.º 026 503 — 026 465 — 026 012

### Parteiras

**Augusta Marq. Charneira Moreira**

Parteira-Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de  
Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques—N.º 231  
MONTIJO

**Armanda Lagos**

Parteira-Enfermeira  
PARTO SEM DOR

Ex-estagiária das maternidades de  
Paris e de Strasbourg.

De dia — R. Almirante Reis, 72  
Telef. 026 038

De noite— R. Machado Santos, 28  
MONTIJO

### Telefones de urgência

Hospital, 026 046  
Serviços Médico Sociais, 026 198  
Bombeiros, 026 048  
Taxis, 026 025 e 026 479  
Ponte dos Vapores, 026 425  
Polícia, 026 144

### Fotofilme

Trabalhos para amadores  
Fotografias d'Arte  
Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica

R. Bulhão Pato, 11 — Montijo

# MONTIJO

## Aformozeamento do Montijo

### e de suas freguesias

Tinhamos notícia pelo  
ralatório da Câmara Muni-  
cipal, da gerência de 1957  
dos relevantes serviços  
prestados pelo nosso mui-  
to presado assinante, sr.  
José Cid Navarro Rodrigues  
digno regente florestal,  
quanto ao aformozeamento  
da nossa terra.

Lêramos ali um vivo  
agradecimento e estas pa-  
lavras bem significativas a  
propósito do mesmo técni-  
co: «a cuja competente e  
interessada orientação téc-  
nica se deve toda a acti-  
vidade camarária. A sua  
acção, notável sob todos os  
aspectos, é ainda de enal-  
tecer por ser absolutamen-  
te obsequiosa. Numa época  
em que tantos outros pro-  
curam sòmente denegrir o  
trabalho alheio, o distinto  
técnico montijense abdica  
da sua comodidade em prol  
do progresso da sua terra,  
o que apontamos como  
exemplo digno de ser se-  
guido».

Impunha - se, portanto,  
que observássemos e ana-  
lizássemos mais de perto  
essa obra, a fim de a des-  
crevermos em «A Provin-  
cia» e a tornarmos mais  
conhecida de todos.

Essa obra pode dividir-  
-se em duas partes: Pro-  
jectos já realizados e pro-  
jectos a realizar.

Na 1.ª, estão incluídos o  
arranjo dos jardins da Pra-  
ça da República; a cons-  
trução do jardim da Praça  
5 de Outubro; a construção  
do jardim em frente do  
novo mercado; a arboriza-  
ção de passeios e largos  
(cerca de 400 árvores); a  
construção de viveiros e  
depósitos de vasos; e a  
construção de estufas pro-  
visórias.

Nos projectos a realizar  
estão incluídos o Parque  
Automóvel ajardinado, no  
antigo Largo da Igreja; a  
remodelação e ampliação  
do Parque Municipal (já  
está concedida a compartici-  
pação para a instalação  
eléctrica e o Campo de Jo-  
gos foi declarado de utili-  
dade pública, pelo que o  
processo foi enviado a juí-  
zo para efeitos de expro-  
priação judicial; a cons-  
trução dum jardim no Lar-  
go Gomes Freire de Andra-  
de, antigo Largo das Pal-  
meiras, aguardando-se tam-  
bém a comparticipação do  
Estado; a arborização e  
ajardinamento do espaço  
em frente da nova cadeia  
comarcã; o arranjo do largo  
em frente da estação dos  
caminhos de ferro; a cons-  
trução dum outro Parque  
Automóvel arborizado, ao  
nascente da Praça de Toi-  
ros; o possível arranjo do

Largo dos Pescadores e o  
da Praça 1.º de Maio; as  
exposições de plantas; e os  
concursos de janelas e de  
varandas floridas.

Quanto às freguesias, já  
se construíram duas placas  
ajardinadas em Sarilhos  
Grandes e projecta-se tam-  
bém arborizar as respecti-  
vas sedes.

Pelo exposto e por tudo  
quanto vimos, ao percorrer  
os jardins, parques, vivei-  
ros e estufas, Montijo trans-  
formou por completo a sua  
fisionomia e oferece actual-  
mente um aspecto alegre e  
formoso ao» olhos de to-  
dos.

Foram, portanto, justí-  
simas as palavras do rela-  
tório municipal, a que nos  
referimos, no que diz res-  
peito à acção e à obra do  
sr. Joel Cid Navarro Rodri-  
gues que, desinteressada-  
mente, tem aformoseado  
a sua terra e procura ainda  
torná-la cada vez mais en-  
cantadora.

Felicitemo-lo vivamente  
sem sombra de lisonjar, e  
apontamos este exemplo de  
bairrismo e de desinteresse,  
que é uma autêntica lição  
cívica.

## As Festas de S. Pedro do Montijo

### decorreram com grande animação e larga afluência de forasteiros

*Montijo pode usar-se da  
grandiosa euforia que animou  
toda a sua população concelhia e  
inúmeros visitantes, que de pon-  
tos os mais dispares do país, nos  
vieram visitar.*

O nosso laborioso concelho  
mais uma vez assinalou a sua  
presença no ciclo de festas cívicas  
e religiosas a S. Pedro, — o  
venerando santo padroeiro dos  
pescadores, — realizadas de  
quinta-feira última, 29 de Junho,  
a terça-feira, 1 do corrente, nesta  
vila.

Não só a sua população local,  
como também da capital; dos  
concelhos vizinhos e todo o dis-  
trito; e daqueles de terras dis-  
tantes de Norte a Sul do país  
aqui acorreram, atraídos pela  
fama dos anos transactos, bem  
como pelo luzimento e sumptuo-  
sidade do programa deste ano.

Embora as más condições do  
tempo tivessem amortecido por  
vezes o brilhantismo dalguns  
dos números indicados, há sem-  
pre como motivo de justiça a  
imponência dos festejos aqui le-  
vados a efeito nesta quadra de  
consagração ao seu padroeiro e  
sempre querida ao bom povo  
montijense.

Estão portanto de parabéns  
o nosso Município, a quem ende-  
reçamos merecidos louvores; e  
bem assim a incansável Comissão  
de Festas e a ordeira população  
de Montijo e terras do seu termo,  
a quem dirigimos o nosso calo-  
roso BEM-HAJAM, em seus  
porfiados esforços pelo engran-  
decimento de Montijo!

### Farmácias de Serviço

5.ª feira,	3	— GIRALDES
6.ª feira,	4	— MONTEPIO
Sábado,	5	— MODERNA
Domingo,	6	— HIGIENE
2.ª feira,	7	— DIOGO
3.ª feira,	8	— GIRALDES
4.ª feira,	9	— MONTEPIO
5.ª feira,	10	— MODERNA

### Aniversários

JULHO

No dia 4, a menina Adriana de  
Sousa Aragão, afilhada do nosso  
dedicado assinante sr. Uvel Supias  
de Casiro;

— No dia 6, a menina Maria  
Manuela Ferreira Branco, netinha  
do nosso dedicado assinante e  
amigo sr. João Ferreira;

— No dia 8, a menina Etelvina  
Alves Oliveira, filha do nosso pre-  
sado assinante sr. Joaquim A. de  
Oliveira.

## Render da Guarda

### em "A Província,"

Há quase dois anos e  
meio que o nosso prestan-  
te amigo sr. Alvaro Valente,  
culto escritor, considerado  
jornalista e brilhante poeta,  
com inúmeras demonstra-  
ções dadas pelo fulgor vivo  
do seu talento, tinha assu-  
mido a direcção do nosso  
jornal, animado sempre do  
firme propósito de o tornar  
maior e melhor.

Quando em Março de  
1956, lhe confiámos o cargo  
de director de "A Provin-  
cia", tecemos as devidas  
referências ao seu intenso  
labor intelectual e ao valor  
dadas no campo arduo da  
imprensa regionalista e  
afirmámos numa das pas-

sagens do artigo de sua  
apresentação: *Estamos cer-  
tos de que da sua personali-  
dade forte, do seu saber e  
da sua mágica pena, muito  
prestígio advirá para o nosso  
jornal; maiores benefícios  
para Montijo e para a socie-  
dade que tão bem conhece*."

Hoje; como então; cum-  
pre-nos prestar a Alvaro  
Valente a homenagem sin-  
cera da nossa admiração  
pelo seu talento demons-  
trado anteriormente em  
suas numerosas produções  
literárias, algumas delas de  
acentuado sabor regiona-  
lista, tais como, "Daqui...  
Fala Ribatejo", "Pedacos  
desse Ribatejo", — ambas em  
vibrante evocação dos cos-  
tumes da nossa província  
e das gentes da nossa terra;  
"Um Hino a Almada", suges-  
tiva e patriótica monografia  
em verso, dedicado às be-  
lezas daquele progressivo  
concelho; e "Viagem e Ma-  
ravilhas", valiosa colectânea  
de reportagens da sua di-  
gressão em Novembro de  
1950 à empolgante Ilha da  
Madeira, ridente e verde-  
jante pérola do Atlântico.

No que se reflete da sua  
actividade adentro de "A  
Província", — através dos  
números publicados em  
vinte oito meses de insis-  
tente colaboração —, cum-  
pre-nos ainda salientar que  
encontrámos sempre da sua  
sua parte o desejo de cor-  
responder à confiança de  
que era digno e ao apoio  
que lhe manifestámos em  
várias conjecturas.

Várias foram também as  
suas iniciativas para tornar  
"A Província" um jornal  
maior e melhor, de grande  
projectão para a auréola  
que hoje usufrui o  
nome de Montijo, agora  
mais uma vez torna-  
do conhecido pelas magni-  
ficentes Festas Populares  
de S. Pedro, neste ano de  
1958. Pena foi porém, que  
nem sempre o público a  
quem o nosso jornal devia  
merecer o melhor carinho,  
soubesse conhecer os seus  
anseios e que levassem o  
nosso valioso director, sr.  
Alvaro Valente, a recolher

Continua na 4.ª página

Continua na 3.ª página

# Discurso do sr. José da Silva Leite

no almoço da Imprensa, em 26 de Junho de 1958

Ex.<sup>mas</sup> Srs.

Mais uma vez aqui nos encontramos em ambiente amistoso, em festa íntima que constitui um número já tradicional e dos mais significativos das grandes Festas Populares de S. Pedro, de Montijo.

Também mais uma vez me é dada a honra de presidir, subida honra que me desvanece e que me proporcione dirigir a V. Ex.<sup>as</sup>, ilustres representantes da Imprensa, Rádio e Televisão, uma amistosa e quente saudação de Montijo, uma saudação que envolve a gratidão dos montijenses pelos altos serviços que têm recebido de V. Ex.<sup>as</sup>. Esta saudação quer ainda significar-lhes a nossa admiração pela vossa brilhante e operosa actividade profissional, a vossa decidida acção na defesa intransigente das mais belas e justas causas — as causas do Bem.

O Montijo recebe-os com verdadeiro prazer e fica muito grato pela vossa gentil visita.

Outros bons amigos quiseram ter a gentileza de aceitar o nosso convite e por isso aqui estou a felicitá-los, a agradecer-lhes a honra que nos concederam confraternizando connosco, pois a confraternização é um dos fins desta festa.

Feitas estas saudações, desluzidas é certo, mas muito sinceras e inteiramente merecidas, o Presidente da Câmara que se orgulha da sua qualidade de montijense, não desperdiça esta oportunidade para falar da sua querida terra natal, do seu valor, do seu progresso, do seu sólido prestígio nunca dantes alcançado.

Esta terra de humildes pescadores, a cujo bairro me orgulho de pertencer, através da sua evolução lenta, mas activada nas últimas décadas, conseguiu uma posição agrícola, comercial e industrial, sem par na região.

A pesca, o sal, o vinho, os cereais e legumes, são de há muito a sua produção mais importante, mas nos últimos tempos impôs-se a salsicharia e mais tarde a cortiça e, mais recentemente, a cerâmica e outras indústrias que deram a Montijo aquela situação privilegiada que havia de transformar a sua economia e até a sua feição.

Mais recentemente, porém, a nossa terra lança-se em empreendimentos notáveis por intermédio da iniciativa particular que, em constante e duro labor, constrói muitas fábricas de moderna concepção e habitações em grande número, dilatando a vila para locais jamais previstos.

A Câmara Municipal, a

quem por função própria incumbe a orientação do progresso verificado, seguiu igualmente a senda desse progresso e apresentou realizações notáveis de indiscutível interesse para o concelho e que muito o prestigiam.

A Cadeia Comarcã, o Palácio de Justiça, o Mercado Central, são marcos imorredoiros de uma época de actividade municipal no sector de realizações materiais verdadeiramente inulgares.

Mas, meus Senhores, esta terra sabe o que quer e não se deixa cegar pelos valores materiais, por isso não descurou a conquista, não menos laboriosa, dos valores espirituais, e que valores:

Um cinema-teatro, mas não uma simples sala de espectáculos — antes um edifício monumental, luxuoso, lindo, que é hoje um dos melhores e mais belos da província.

Uma escola industrial e comercial — uma aspiração velha, uma necessidade urgente, uma conquista preciosa para a mocidade montijense.

Assim, no plano espiritual — uma sala de espectáculos para recrear; uma escola técnica para educar.

Mas a vila que nos apresenta armazéns gigantes, blocos residenciais enormes, exige agora o seu

embelezamento e o Município assim o compreendeu, promovendo larga arborização, e criando jardins públicos de grande beleza e não menor utilidade para população.

É certo que ainda nos faltam melhoramentos indispensáveis que a seu tempo hão-de chegar; mas a nossa aspiração maior, o nosso desejo supremo, é essa tão falada ligação com a capital através do Tejo — seja ponte ou túnel, ferroviária ou rodoviária, a verdade é que continuamos a acreditar na sua construção, pois os nossos argumentos são incontestáveis e podem sintetizar-se nesta afirmação: a ponte sobre o Tejo em Montijo, serviria o País e não um aglomerado populacional.

Falei de Montijo, falei da minha terra e como sempre alonguei-me; mas quero ainda falar da sua Comissão de Festas, modelo de organização, exemplo de tenacidade e bairrismo que em cada ano consegue apresentar-nos as suas Festas em moldes diferentes, mas sempre melhores, sempre maiores.

Aqui lhes expresse as minhas homenagens e o meu reconhecimento que são os de Montijo e da sua população agradecida.

Para V. Ex.<sup>as</sup>, nossos convidados e nossos amigos, vai a expressão do nosso

afecto e o agradecimento pela visita a este acolhedor rincão que a lei da natureza, superior à lei dos homens, diz chamar-se ribatejano e prova com a sua monumental Praça de Toiros e as suas clássicas esperas, característica insofismável das terras do Ribatejo.

Terminando, arrego-me a honrosa representação de todo o concelho de Montijo, para endereçar a todos os mais sinceros votos de felicidades e a constante repetição da vossa visita.

## Indústria de Chacinaria

Por despacho de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, foi determinado o alargamento do âmbito da Caixa Sindical de Previdência e de Abono de Família, às Empresas da Indústria de Chacinaria do Distrito de Setúbal e respectivo pessoal.

Por este motivo, houve grande entusiasmo em toda a numerosa classe operária de Montijo, pelos benefícios concedidos, tendo o respectivo Sindicato embandeirado a fachada da sua sede social e deitado muitas girandolas de foguetes.

Foram enviados telegramas de agradecimento a S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Ministro das Corporações e Delegado do I. N. T. em Setúbal.

Assinar «A PROVÍNCIA» e contribuir para o progresso da sua terra.

## Render da Guarda em "A Província,"

Continuado da 2.<sup>a</sup> página

à quietude do seu lar, agora de novo embrenhado nos devaneios das suas musas e cogeminações do seu espírito laborioso.

\* \* \*

E ao expressarmos o que foi a directriz do nosso antigo director, não esqueçamos a gratidão de que este jornal lhe é devedora, pela espinhosa e ingrata missão que aqui tão relevantemente soube cumprir.

A Álvaro Valente endecamos o penhor do nosso maior reconhecimento e a esperança de poder continuar com a sua valiosa colaboração sempre que os afazeres da sua vida o permitam, no desejo de que todos possamos contribuir para um MONTIJO MELHOR!

\* \* \*

Quanto ao espírito regionalista que orienta e animo aqueles que lançaram ombros à iniciativa de criar "A Província", como órgão de imprensa votado à propaganda e defesa dos interesses de Montijo e concelhos limítrofes, — Alcochete e Moita do Ribatejo —, devemos asseverar que o nosso lema ou palavra de ordem, continua e continuará sendo aquele expresso em nosso editorial de apresentação: — SERVIR!

## Propriedade

Vende-se por motivo retirada área 1.200 m<sup>2</sup>, casas e árvores fruto, frente duas ruas, futuro, Afonsoeiro — Montijo. Dirigir: Rua José Joaquim Marques, 178 Montijo.

## AGRADECIMENTO

A Família de Francisco Marques Cepinha, por desconhecimento de moradas, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam à última morada, seu chorado esposo, pai, sogro, avô e parente.

## COMIDA CASEIRA

Pretende-se almoçar em casa particular, todos dias úteis, ambiente aseado e educado, embora modesto, perto rua José Joaquim Marques, no Montijo. Resposta a este jornal, ao n.º 201.

MONTIJO

# AGUA DA BELA VISTA SETUBAL

**Diurética - Eupéptica - Digestiva**

Vende-se em: Garrações de 5 litros - Garrafas de 1 litro e de 1/2 litro

E ainda gaseificadas em garrafas de 1/4 e 1/5 de litro

PEDIDOS A

## Aguas da Quinta da Bela Vista, Lda.

TELEF. 22376 e 23451 - SETUBAL

## As Festas de S. Pedro de Montijo

Continuado da 2.ª pagina

Festas de S. Pedro, o nosso amigo, sr. Humberto de Sousa.

O vice-presidente do Município disse ainda da sua satisfação em que a vinda de tão ilustres individualidades coincidissem com a inauguração duma biblioteca infantil, que fazia parte integrante do novo jardim.

Em seguida os visitantes, entre os quais figuravam vultos destacados da imprensa, seguiram para o Cine-Teatro Joaquim de Almeida, onde lhes foi servido um aperitivo, após o que percorreram alguns edifícios modernos de utilidade pública, nesta vila há, meses inaugurados oficialmente.

Finda essa visita, efectuou-se o anunciado almoço regional, presidido pelo montijense ilustre e digno presidente da Câmara, sr. José da Silva Leite, que estava ladeado entre outras individualidade, pelo seu dedicado e valioso colaborador, sr. António João da Serra Júnior, vice-presidente do Município, e pelo representante do Comando da Base Aérea do Montijo, sr. Tenente Freitas Baptista.

Assistiram a este repasto mais de 50 convivas, cujo número incluía convidados de honra, elementos da Comissão das Festas e categorizadas pessoas da nossa vila.

Reinou nesse almoço um ambiente de elevação regional e apreço pela valorização de Montijo, em que foram proferidos discursos pelos seguintes oradores: José Estêvão da Silva Carvalho, pela Comissão das Festas; Dr. Jorge Antunes, Carlos Hidalgo Gomes de Loureiro e Manuel Giraldes da Silva.

A agradecer, falaram diversos elementos da imprensa: srs. Dr. Manuel Paulino Gomes, e o nosso Director, Álvaro Valente; Carlos Babo, Armando Boaventura, António Rosado e Gil Marques.

Em nome das emissoras ali representadas, usou da palavra o sr. Jaime da Silva Pinto, do Rádio Clube português.

A encerrar a série de discursos, usou então da palavra o sr. José da Silva Leite, activo presidente do nosso Município, que embora ainda convalescente e com sacrifício pessoal, não quis faltar a prestar a sua honrosa presença a esse acto de confraternização.

Noutro local publicamos na integra as palavras proferidas pelo Ex.º Sr. Presidente da Câmara.

Na tarde desse mesmo dia 26, — quinta feira —, foi a vila de Montijo honrada cerca das 19 horas, com a visita de Sua Ex.ª, o Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do distrito, que veio expressamente aqui para

fazer a inauguração oficial das Festas.

Foi o ilustre visitante aguardado junto dos Paços do Concelho pelo respectivo presidente, sr. José da Silva Leite, e vereação, bem como representantes de várias corporações e instituições de beneficência de Montijo, numeroso público e a Banda da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, produzindo se uma vibrante ovação à sua chegada.

Sua Ex.ª, tanto na sessão de boas vindas, no edifício municipal, como depois, ao percorrer em toda a extensão o recinto do arraial e feira foi alvo de calorosas homenagens de simpatia, por parte das autoridades e do povo que o saudou em todo o percurso.

Gentis senhoras ofereceram-lhe um lindo ramo de flores, tendo o chefe do distrito, sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos manifestado o seu agradecimento à população montijense, tanto na sua qualidade de simples cidadão, como na de chefe de distrito.

A cerimónia inaugural do Arraial e Feira Franca foi abrilhantada pelas nossas Bandas locais e a Sociedade Columbófila de Montijo efectuou uma largada de pombos, alusiva a esse facto.

Por não podermos alongar o nosso relato, dada a escassez de tempo e espaço neste número de «A Província», reservamos para a próxima semana a inserção de mais algum noticiário, o que os nossos leitores nos desculparão.

## ESPERANÇA

A meu filho João Manuel

Quando nasceste,  
Foi um deslumbramento  
De luz e alegria,  
Amor e suavidade!  
Cresceste...  
A boquilha rosada  
Sorria para mim,  
Eu colhia os espinhos  
Nas rosas do teu jardim!  
Cadencieis teus passos,  
E o corpinho gentil  
Escondia-se em meus braços  
Fugindo dos escolhos...  
Bebia-te com beijos  
As lágrimas dos olhos!

Agora que és um homem,  
Quero ser recompensada!  
Queria que essa vida  
Que em mim foi gerada  
Fosse o prémio maior  
Do muito que sofri...  
Confiante no futuro,  
Sorri ao mundo!  
Não escondas a bondade,  
Que sempre te ensinei,  
No torpe véu da agressividade.  
Sê delicado, paciente,  
Rico de amor e ternura!

Promete que o farás,  
Que tentarás!  
Vá... jura...  
E ver-me-ás contente  
Porque um dia nasci.  
Meu filho!  
Se souberes ser um homem,  
Saberei finalmente  
Para que vivi!

Maria de Lourdes

N.º 106

Folhetim de «A Província»

3-7-1958

## Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

Ele sempre tivera a paixão da serra; e até quando criança, gostava de se embrenhar pelas encostas e ficar em longas meditações à sombra dos penedos, ao tempo das zinas calmosas.

Conhecia-lhe muitos pormenores das circunvizinhanças, — as «arcas» onde os pastores guardavam os mantimentos, as lapas e as fontes, os carreiros e os atalhos que lavavam aqui e ali, os lugares mais pitorescos e mais poéticos, onde magicava seus versos «de pé quebrado».

Algumas vezes acompanhara os alavões aos pastos, demorando-se por lá em estâncias sonhadoras e aparecendo ao pai a horas tardas.

E em certo dia, subindo mais alto, tivera a nítida sensação da «flama do lobo», — arrepiou de estrangular que não mais lhe esquecera.

E agora, ao mirá-la da janela do repouso, recordava as digressões e os episódios doutro, queria profundá-la com o olhar e transportar a imaginação aos sítios do seu conhecimento.

A Ermelinda fazia-lhe longas «apreghações», quando o via naqueles pasmos, animando-o e procurando distraí-lo.

Mas ele, poisando os olhos nos dela, comentava:

— Não sei porquê, minha querida, tenho a mania de que é lá que vou morrer! E antes assim. Já fico mais perto ao céu...

E outra cena de lágrimas rematava o incidente.

O sr. Rodrigues da Junta veio, finalmente, uma tarde e anunciou: — E' tempo de irem preparando tudo porque está para breve o internamento. O sr. presidente da Câmara e o sr. Doutor têm sido incansáveis! A falta de vaga, porém, transtornou até agora os nossos desejos. Dizem do sanatório que por todo este mês o nosso doente será admitido. Vão pois, arranjando as coisas porque desta vez é certo.

E as esperanças renasceram.

O próprio Tónico se animou e se iludiu.

— Quem sabe? Sou novo, resistente... Tantos se têm curado...

E durante dias foram os preparativos, e a mais dias passados a marcha.

Na véspera teve uma crise maior, desabrida, e ficou assapado, mais morto que vivo. Ainda se pensou em adiar a viagem; mas foi ele mesmo que insistiu pela partida, naquela esperança que o animava e iludia.

Manhã brumosa e a nebrinar, após a noite de insónias, partiram no automóvel do doutor. Ele quizer fazer-lhe o ultimo favor e mandara-lhe o carro por economia e comodidade.

— Dali ao Caramulo era distante... e assim iria melhor.

Uma simpatia enorme por aquele doente, — tão bom rapaz e mocidade em flor! — o levara àquela resolução.

E na companhia das duas almas que lhe restavam, trôpego, galgaz, esquelético, percorreu as casas do seu lar pequenino, de tão curta duração, como que a despedir-se dos sítios onde vivera as melhores alegrias da vida, e desceu a escada amparado, com paragens de poucos em poucos degraus.

Na rua, lançou um último olhar a todo o prédio:

— Talvez para sempre... Adeus!

A Ermelinda foi ao motorista e suplicou-lhe:

— Vá devagarinho, sim? Por môr de Deus! Ele está tão delgadinho.

E partiram.

## ASCENSÃO

As almas sobem, elevam-se, e descem, — todas as almas, as pequenas, as grandes, as melhores, as piores!

Todas as almas geram dessa arte aspirações, as mais inconcebíveis ou as mais ingénuas. Desprendem-se dos mundos e dos supostos invólucros e evoluem com velocidades incríveis. Ora estão no ponto original e intangível, ora se transportam a altitudes que assombrom.

— Qualquer coisa de muita ambição ou de instinto por descobrir.

A direcção desses voos é que define cada uma delas e as diferencia. Na ânsia das aspirações, umas vão para o azul dos céus ilusórios, dos céus que trazem amarguras e declínios; outras, para os abismos que liquidam de súbito ou conduzem ao aniquilamento vagaroso das vidas futuras.

As almas acompanham os corpos nas ascensões.

Eles sobem, elas sobem.

Quando se dirigem aos céus ilusórios, chegam muito primeiro, antecipam-se; quando se dirigem aos abismos, mergulham e baqueiam no caos.

— Devagarinho, por môr de Deus!

O ar tão leve e a luz tão surve insensam-nas.

O auto segue a passo e raspa na estrada. Patina. Carbura mal.

Deixa para trás vilas e aldeias.

Agora vai na subida, a caminho dos sanatórios.

— As três almas ascensionais, em conjunto, como num corpo só!

As duas no mesmo desejo ardente, no mesmo sonho, na mesma esperança, — o Céu da Ilusão.

Ele sonha; ela sonha; a tia, calada, duvida.

(CONTINUA)

# Do Minho ao Guadiana

## CANHA

Esteve de visita às escolas desta freguesia o sr. Professor Victor Manuel Cabral Ferrão, que realizou sessões de cinema nas Escolas do Escatelar, Abegoaria e Mata do Duque e prelecções nos dias 16 e 17 do corrente, que foi motivo de contentamento para as crianças, professoras e assistência.

— O Infantário da Sagrada Família comemorou no dia de Santo António o segundo ano da sua existência, com almoço e jantar de galinha, frutas e arroz doce, e distribuição de roupas e vestuário às 26 crianças internadas. À noite, no regresso do trabalho quando vierem buscar as crianças — as mães foram contempladas com ofertas de arroz doce, assistindo em seguida com os filhos à inauguração do trono de Santo António que se encontrava ornamentado com flores e verduras, e iluminado a electricidade com lâmpadas de várias cores, não tendo faltado os vasos de mangericos — o que motivou manifestações de aplauso á obra de Educação e de Caridade desta Instituição de Assistência Social, da Casa do Povo.

Os donativos para o Infantário, no mês findo, totalizaram a importância em dinheiro de Esc. 1.340\$00.

A Casa do Povo recebeu da Junta Central das Casas do Povo referente a subsídios do Fundo Comum — para reforço de subsídios de invalidez a 30 sócios efectivos inválidos, Esc. 18.000\$00, e para outros fins de previdência e assistência, Esc. 7.500\$00, o que é motivo de gratidão dos trabalhadores beneficiados.

— Estiveram de visita à Casa do Povo e ao seu Infantário, os Furriéis da Aeronáutica da Base da Ota, srs. João Baptista da Silva Maia, António Gil Barata, João Furtado de Melo, Luis Serrano da Cunha, Fernando S. C. Gomes, António Dias Fernandes, os srs. João Francisco Correia e Armando José Correia, de Sarihos Grandes, Armando Machado e Manuel Branco Lemos, de Lisboa, Coel da Silva Santos e sua Esposa D. Laura de Couto Santos,

de Alcochete, Elviro dos Reis Parreira, do Barreiro, e Joaquim Coelho Sousa Junior, — Presidente da Direcção da Casa do Povo de Santa Estevão.

(C.)

## Ecos de Setúbal

### Ciclo de conferências para médicos em Setúbal

No salão nobre dos Paços do Concelho de Setúbal realizou-se no passado dia 22 à noite a sessão solene de abertura do ciclo de conferências, promovido pela Ordem dos Médicos de Lisboa em Setúbal. Presidiu o sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos, ilustre Governador Civil do distrito que era ladeado pelo sr. dr. Melo e Castro, Dr. Jorge da Silva Horta, Bastonario da Ordem dos Médicos em Lisboa, Dr. Eduardo da Costa Albarran vice-presidente da Câmara, prof. Moniz de Betencourt, presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos, dr. José Ferreira de Sousa Fialho e eng.º João Botelho Moniz Borba provedor da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal.

Aberta a sessão, o sr. dr. Eduardo Albarran deu as boas-vindas aos médicos da capital e agradeceu à Ordem dos Médicos a iniciativa da realização deste ciclo pela primeira vez em Setúbal. Seguiu-se o sr. dr. Sousa Fialho que agradeceu a presença das entidades oficiais, realçou a importância destas jornadas médicas e fez votos pelo bom êxito deste ciclo hoje inaugurado. O sr. dr. Jorge da Silva Horta agradeceu igualmente a presença do ilustre Chefe do Distrito e das restantes entidades e a colaboração dada pelo Município setubalense para a efectivação deste ciclo e realçou a assistência médica nestes últimos anos quer no país quer no estrangeiro. Encerrou a sessão o chefe do distrito.

Todos os oradores foram muito ovacionados pela numerosa assistência.

Ocorre-nos ter visto entre outras entidades presentes a esta sessão solene os srs. comandante da P. S. P. director da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, di-

rector escolar, vigário-geral da vara de Setúbal, Subdelegada Regional da M. P. Feminina e eng.º Manito Tôrres.

Este ciclo prossegue até 20 de Julho realizando-se nesta cidade as sessões com os seguintes temas Dia 5 — Sessão Clínica — Eczemas — classificação prática e tratamento pelo Dr. Juvenal Esteves — Professor de Faculdade de Medicina de Lisboa. «Reanimação» pelo Dr. Lopes Soares, Assistente dos Hospitais Cíveis de Lisboa.

Outras sessões se realizarão ainda nos dias 12, 19 e 20 de Julho.

O grupo Desportivo «Os Ibéricos» de Setúbal promove no dia 15 de Agosto uma excursão ao Barreiro por ocasião das festas em honra de Nossa Sr.ª do Rozário com partida às 15 horas e regresso às 23 horas, para a qual se recebem inscrições.

Rui Oliveira

## Aprendamos da lição

Continuado da 1.ª página

O País continua, de facto, com a situação; mas que se emendem muitos dos erros que, a persistirem, não tenhamos dúvidas, podem pôr em grande risco os princípios que informam e estruturam o Regime.

A situação tem, felizmente, em si as condições e os meios necessários para poder fazer essa obra de revisão que parece todos reclamam, na louvável disposição de aproveitar a lição que o último acto eleitoral bem inequivocamente deu.

## O prestígio Montijense e as Festas de S. Pedro

Continuado da 1.ª página

chegou aos mais recônditos lugares do nosso país.

E ainda bem. E a devida recompensa do esforço inaudito que levantou a terra, é a justíssima compensação desse trabalho ingente que os rapazes da Comissão promotora levaram a cabo.

Temos a certeza de que todos em Montijo o reconhecem.

Se alguém o não reconheceu, é o mesmo que negar a clarividente verdade, é o mesmo que negar a existência da inteligência humana, — hipóteses que nos repugnam e nas quais não acreditamos.

Devemos, pois, continuar na senda trilhada.

Montijo segue imperturbável o caminho que traçou e do qual nenhuma força esporádica ou não esporádica o conseguirão desviar.

Visado pela Censura

## COMARCA DE MONTIJO

### ANUNCIO

2.ª publicação

Pela 3.ª Secção de processos da Secretaria Judicial desta comarca de Montijo, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos da executada Maria da Piedade Fernandes, casada, comerciante, residente na Rua Bulhão Pato, 80 - Montijo, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária movida por Artur Rodrigues da Silva, viuvo, industrial, de Lisboa, contra a referida executada.

Montijo, 16 de Junho de 1958.

O Chefe da Secção

a) Alfredo Maria Pereira Ribeiro  
Verifiquei:

O Juiz de Direito

a) Ilídio Bordalo Soares

## Uma biblioteca DE ALDEIA

Continuado da 1.ª página

dão conscientes que possam vir a ser valores para a Nação.

Mas não é preciso, evidentemente, fabricar doutores em série. Os doutores são precisos, sem dúvida alguma, mas País que fabrica muitos doutores é País que vem a ficar sufocado com o peso de tanto canudo.

Mas não será o magno e complexo problema da bola o que mais preocupa a grande massa, não lhe dando tempo para leituras em que o espírito se eduque e moralize e o cérebro se habitue a discernir?

Não sei ao certo; só sei que o meu vizinho do lado, pessoa que, aliás, gosta de ler e assimila o que lê, tem este preceito filosófico que, dentro da sua singeleza, contém montanhas de sabedoria:

«O mundo dos homens está dividido em dois grandes grupos, o dos espertalhões e o dos tolos. Do primeiro faz parte o meu carvoeiro, que enriqueceu deitando água no vinho e no carvão. No outro estou eu incluído, que deixei que o meu trabalho honrado contribuisse para o bom êxito dos patifes.»

## Lutuosa

No dia 17 do corrente faleceu nesta vila a sr.ª D. Palmira Emilia da Silva Araujo, de 60 anos, viuva, natural do Porto, e mãe dos srs. António P. da Silva Araujo, Alberto P. da Silva Araujo e da sr.ª D. Maria Guilhermina da P. Araujo Braz, casada com o nosso presado assinante sr. Alberto Braz da Cruz.

A toda a família, e em especial ao nosso presado assinante enviamos os pêsames de «A Província».

Faleceu em Lisboa, no dia 27 do mês passado, o nosso colaborador e querido amigo Carlos F. Mascarenhas.

Uma doença que não perdoa, e que o perseguia há bastantes anos, completou nesse dia a sua obra.

Desapareceu da vida um dos espíritos mais elevados e mais distintos que conhecemos.

Nascido da humildade, conseguiu, mercê do seu amor ao estudo e ao labor intelectual, atingir um lugar de destaque no jornalismo e nas letras.

Atável, amigo sincero do seu amigo, leal e bom, Carlos Mascarenhas deixa profunda saudade em quantos o conheceram e aos quais ele dedicou a sua estima.

— Que descanse, finalmente, em paz o pobre e infeliz amigo!

A sua viúva e filhos e mais família «A Província» endereça o seu cartão de pêsames, repassada de mágoa e de infinita tristeza.

### Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedaços deste Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos.

Pedidos à Redacção de «A Província».

Assine e divulgue

«A PROVINCIA»

# GLYCOL

O IDEAL DA PELE  
NÃO CONHECE?

Envie nome, morada e 5\$50 em selos do correio, para embalagem e registo, a **Ventura d'Almeida & Pena**, Rua do Guarda-Mor, 20, 3.º, Esq.º, a Santos — Lisboa, e receberá uma amostra.

TELEFONE 66497

# SANFER, L.ª DA

SEDE

Lisboa, Rua de S. Julião 41-1.º

ARMAZENS

Montijo, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZENS DE RECOVAGEM

# Recordações de um aldeano ao redor de 1900:

## TOURADAS

Ao Amadeu dos Santos, paladino da Festa Brava

Esta diversão foi sempre uma festa cara. Naquele tempo, uma entrada para o Sol custava dezasseis vintens e para a Sombra sete ou oito tostões. Isto para os novos talvez pareça uma quantia irrisória, mas para nós os caminheiros desse tempo, (velhos, não!) é que sabemos o valor dessa ninharia.

Era dos poucos divertimentos que os aldeanos desse tempo disfrutavam.

Duas, eram das mais afamadas: — uma em benefício da Misericórdia e outra da 1.º de Dezembro.

O lavrador, Snr. José Maria dos Santos, era o benemérito que fornecia os curros (julgo que gratuitamente), para essas corridas.

Havia sempre quem protestasse contra essa carestia; mas quando Mestre Baltazar Valente fazia a 1.º de Dezembro tocar desde a sua sede até à Praça, todos aqueles protestos iam por água abaixo. (Isto na hora de começar a corrida). Algumas vezes com certa emoção, ouvi bandas militares tocarem «ordinários» da sua autoria.

Um deles era meu pai, que não resistia àqueles acordes musicais, e, levando-me pela mão, mirrando-me o mais possível para não pagar o meio bilhete, lá ia esportular os dezasseis vintens e assistir à corrida.

Corriam-se nesse tempo dez touros, e um para os curiosos. Era uma tarde em cheio!

\* \* \*

O touro dos curiosos era o que despertava mais divertimento e curiosidades, e naquela tarde trazia ao pescoço um saquinho com meia libra em ouro, para os valentes que conseguissem arrancá-la dali.

Quando o clarim soou já a trincheira estava cheia à espera que ele saísse. Custou a quasi a sair do curro, tal a sua corpulência; porém, quando cá fora, furioso, correu a praça de lés-a lés, todos os valentes se encolheram, mas perante a estupefação de todos, viu-se saltar para ela o «Casaca» (condutor da carroça do lixo), já trocando as pernas porque era um exímio bebedor, e atirou-se para a frente do bicho, que o enrodilhou como se fôra um trapo, espezinhandoo com furor, ficando como morto. Sérios trabalhos deu para o tirar dali, enquanto entretinham o bicho do outro lado da praça. Mas não morreu, ouvi depois dizer que tinha apenas ficado sem uma orelha...

Quanto aos outros valentes, limitaram-se a assobiá-lo e a toureá-lo com os casacos, de dentro da trincheira. . . e aquele *arranca-céus de pernas* lá voltou vitorioso para o curro, com o seu tesouro ao pescoço.

Numa outra corrida o clou da festa era a apresentação da sorte chamada «D. Tancredo» (pelo nome julgo que seria um espanhol que a iniciara).

Era um patricio nosso que a ia realizar, vulgarmente conhecido pelo «Toca na oca», uma espécie de homem dos sete ofícios, desde caidor (por certo donde lhe provinha a alcunha), até quaisquer outros

onde pudesse ganhar a vida.

No meio da praça, uma meia barrica pintada de branco servindo de pedestal, em redor cal em pó, e em cima «Toca-na-oca» todo vestido de branco. Parecia realmente uma estátua, só um pouco defeituosa pelas pernas que lhe tremiam... Ao som do clarim e ao despontar o touro do curro, uma voz uníssona ecoava por toda a praça: «Foge... Foge...», e «Toca-na-oca», saltando do pedestal, desarvorava direito à trincheira, no meio da gargalhada geral.

Mas o contracto impunha que «D. Tancredo» esperasse que o touro chegasse junto da estátua e aguardasse o resultado. Fora difícil convencê-lo a voltar, mas voltou. Então o touro investiu; mas ao chegar junto da estátua deu dois assopros na cal e fugiu. «Toca-na-oca», saltando da barrica, tinha mais uma profissão; e também mais alguns cobres.

Por esta época efectuava-se também uma corrida sensacional, à antiga portuguesa e com todo o rigor. Se não estou em erro era a favor da 1.º de Dezembro. Todos os camarotes ostentavam ricas colgaduras, o que dava à praça um grande aspecto de solenidade. Ao tomar lugar no seu camarote, o Snr. Francisco da Silva, Administrador do Concelho, a Banda executava o hino Nacional, ouvido com toda a compostura.

Toda a quadrilha se pôs em marcha, na frente, em fogoso cavalo, «O neto», que era seu filho João Nepumeceno da Silva, e meu condiscípulo na Escola Secundária. Recordo-me também de alguns componentes do grupo de forcados que rodeavam a mula, que conduzia a caixa das farpas. Alguns nunca tinham visto um novilho na sua frente.

Era cabo o Snr. Jacinto Ramalho e fazia também parte o Snr. Joaquim Maria Gregório (Fiusa) guardalivros da Casa Ventura, que fez uma rija pega que nunca mais esqueci. Era muito míope e usava grossas lentes. Foi para a frente do bicho; mas, ao despegar-se-lhe da cabeça, os óculos ficaram dependurados numa só orelha, e, sem saber se havia de segurá-los ou fugir do touro, lá veio pela mão dum colega para a trincheira.

Cabe-me agora não esquecer os amadores desse tempo, com mais arte, como cavaleiros: os Snrs. Justiano António Gonveia e Cristiano Mendonça, e bandarilheiros Eugénio Sacoto e

o seu camarada «Mira-olho», que quase sempre trabalhavam juntos, e Augusto G. Salgado, que chegou a tomar alternativa. Alguns destes amadores deveriam ter tomado parte nesta festa, mas a minha memória, já me não ajuda, — o que desculparão. A festa terminou pela oferta de artísticas monas, ramos de flores e caixas de charutos a todos os lidadores. Vi também morrer o valoroso forçado e nosso patricio José Peixinho, a quem o nosso director, com o seu costumado brilhantismo, dedica uma crónica sua, e por isso não descrevo esse triste incidente.

No intervalo das corridas havia sempre um acto humanitário a praticar, os artistas com as capas recolhiam as esmolas que a assistência lhes atirava, a favor de algum infeliz que comparecia no meio da praça.

E agora o desrespeito dum touro pelo Snr. Regedor.

— Meu pai, de nome António Camilo Nogueira, era popularmente conhecido pelo António «Socialista», tinha sido nomeado regedor da terra e tomou o caso bastante a sério.

Aos Domingos à noite, com os cabos de polícia, percorriam as diversas locandas para as obrigar a fechar, e os clientes regressarem a casa. Mas quis ir mais longe na sua autoridade; e numa espera de touros, ele e os seus subordinados, foram postar-se junto à vedação do mercado, para não deixarem saltar ninguém dela, à aproximação dos touros, a fim de não os tresmalharem.

O Snr. Regedor colocou-se então em frente a ver como as suas ordens eram cumpridas. Havia uma azinhaga que corria paralela à estrada velha, protegida por valados altos, tendo na frente uma vedação de madeira. Ali se julgava o Snr. Regedor imune de alguma surpresa desagradável. Aos gritos da multidão — «Eles aí vêm!... eles aí vêm!» — cavaleiros e touros, saindo da estrada velha, entravam na estrada em direcção à praça. Um dos touros, porém, ficara para trás, e, encarando com ele, que procurava esconder-se, saltou pela parte mais baixa do valado e daí a pouco, ele e toda a sua autoridade estavam estabelecidos na estrada! A sorte foi o bicho não o perseguir e fugir para donde tinha vindo. Socorrido por aquela gente, viu-se que sofrera ao de leve um raspão no baixo ventre, feito pelo chifre do touro, ficando muito magoado na queda. O Snr. Regedor nunca mais voltou às esperas de touros.

E ao terminar, não esqueço aquele cavalheiro de casaco branco e boné de pala que em dias de corrida vinha de Lisboa, e à porta da somba, enquanto não começava a corrida, ia apregoando — «Cá estão os pastelinhos a dez reis!» Pastelinhos a dez reis que me faziam crescer água na boca, enquanto não saboreava a sua doçura...

Agora ao recordar-me disso, sinto mas é um certo travo amargo pelos anos que me vão pesando, dos meus tempos de rapaz e das minhas ilusões que nunca mais voltarão!

Luis Maria Nogueira

## A Escola e a Família

Continuado da 1.ª página

gastar com as escolas, menos se dispense com a cadeia, o hospital e a polícia, porque, uma criança educada e culta e, portanto, iniciada nos conhecimentos da Moral, da Higiene, da Ciência e da Justiça, será um esclarecido amigo da saúde, do respeito da lei e da ordem, sentindo a grande necessidade de aprender sempre, dignificando assim o Homem, a Pátria e a Humanidade!

Ora o homem não é só forte pela força física e as pátrias não são só grandes pela extensão territorial.

Há homens pequenos, modestos e simples que, pela bondade, pelo saber, pelo amor, constituem exemplos para a humanidade inteira. E também há países geograficamente pequenos que dão, no entanto, grandes lições de justiça social, de equidade, e de fraterno amor ao Mundo. O valor dos homens não está no peso da sua ossatura, mas na grandeza da sua

alma e na eficácia da sua acção.

E a alma forja a o pai e a mãe nos dias redentores da primeira infância. Depois, estes dois santos do lar entregam o seu filho querido ao Professor Primário, e é este que, com a maravilhosa luz do Alfabeto, vai modelando, pouco a pouco, hora a hora, dia a dia, o futuro dinamismo criador da que a alma nascente!

Sem Família, isto é, sem o beijo da Mãe e o amparo inabalável do Pai, sem Escola, sem a devoção do Professor, não haveria amor nos corações nem luz nas consciências.

E' que a Família e a Escola são as colunas que sustentam o grande arco da Sociedade!

«A PROVINCIA»

Está à venda em Lisboa na  
Tabacaria Mónaco  
Rossio, 21  
Delegação, Av. do Brasil,  
178-1.º Esq.

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Seude e Energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027